

LETÍCIA CRISTELLY DA SILVA AMORIM

**A CONTEMPORANEIDADE DO PENSAMENTO EDUCACIONAL NA
OBRA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU**

**GOIÂNIA
2020**

LETÍCIA CRISTELLY DA SILVA AMORIM

**A CONTEMPORANEIDADE DO PENSAMENTO EDUCACIONAL NA
OBRA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professor Orientador: Me. Frederico Dourado Rodrigues Moraes

**GOIÂNIA
2020**

Dedico aos estudantes que tiveram que renunciar seus estudos por dificuldades financeiras, problemas familiares ou qualquer outro empecilho. Convido vocês a sonharem os sonhos de Deus e acreditar que sempre existirá um novo recomeço, uma nova oportunidade para retornar aos caminhos da educação.

AGRADECIMENTOS

À Deus por tudo que Ele fez, pela forma como as coisas aconteceram. Obrigada Deus, por colocar um grande sonho em meu coração e fazê-lo tornar realidade.

Ao meu pai (in memoriam) Eduardo de Amorim, que sempre se esforçou para estar presente em todos momentos da minha vida.

À minha mãe, Helen da Silva Arruda e aos meus irmãos Carolina da Silva Siqueira, Rafael da Silva Siqueira e João Gabriel da Silva Siqueira, nenhuma palavra é capaz descrever o quanto amo e sou grata por ter vocês.

As minhas sobrinhas Helena, Allana e Maria Cecília, vocês são minha maior riqueza. A tia é completamente apaixonada por vocês.

As minhas amigas singulares que conquistei: Cristina Caixeta Borges, Eulélia Cristina Marçal Gomes, Helen de Souza Costa e Letícia Moura César, que foram amparo nos momentos dolorosos e ásperos. Obrigada por tudo. Amo vocês.

Ao meu orientador, Prof. Me. Frederico Dourado Rodrigues Morais, em meio a tantos acontecimentos, ser sua orientanda foi como ter um respiro de esperança.

Ao meu leitor, Prof. Dr. Rodrigo Fideles Fernandes Mohn, pela convivência, ensinamentos, sensibilidade, reflexões. Obrigada por fazer parte da minha formação de uma forma tão relevante e distinta.

As minhas colegas de graduação: Adrielly Rodrigues Batista, Ana Carolina Oliveira de Moura Correia, Janaina dos Santos Ferreira, Jessica Camila de Oliveira Duarte, Karollaine Gomes Pereira e Larissa Monteiro Faria, como foi bom caminhar ao lado de vocês.

Aos professores e professoras do curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, por terem contribuído de uma forma tão significativa no meu processo de formação.

“Falarei pouco da importância de uma boa educação; tampouco me deterei em provar que aquela que se encontra em uso é má, mil outros já fizeram antes de mim, e não agrada encher um livro de coisas que todos sabem. Observarei apenas que existe, desde sempre, somente um grito contra a prática estabelecida, sem que ninguém ouse propor melhor. A literatura e o saber de nosso século tendem muito mais a destruir que a edificar. Censura-se com um tom professoral; para propor, é necessário adotar outro, em que a altivez filosófica sem compraza menos” (ROUSSEAU, 2017, p. 37).

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I – A EDUCAÇÃO EM JEAN-JACQUES ROUSSEAU.....	10
1.1. Rousseau e suas ideias sobre a Educação.....	12
CAPÍTULO II – A FORMAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO EM ROUSSEAU.....	17
2.1. As contribuições de Rousseau para atualidade	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	25

RESUMO

A CONTEMPORANEIDADE DO PENSAMENTO EDUCACIONAL NA OBRA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Letícia Cristelly da Silva Amorim*
Frederico Dourado Rodrigueis Morais**□□□

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo compreender as principais contribuições de Rousseau para a construção do pensamento educacional, bem como a importância do seu pensamento para a discussão em torno dos objetivos da formação humana e dos princípios que permeiam os processos formativos. A metodologia utilizada foi a da pesquisa bibliográfica, tendo como objetivo de buscar materiais relevantes para o estudo que foi realizado, fazendo o levantamento de livros, artigos científicos, dissertações e teses, incluindo, as principais obras de Jean-Jacques Rousseau: *Discurso sobre a origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* (1978), *Contrato Social* (1978), e *Emílio ou Da Educação* (2017); as quais tratam especificamente a respeito da problemática em questão. Desse modo, buscou compreender a formação humana do homem em sua totalidade, assim como, a importância de suas reflexões na educação da atualidade.

Palavras-chave: Educação. Formação Humana. Rousseau.

* Aluna do curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

*** Professor Titular da PUC Goiás, Mestre em Educação, Orientador.

INTRODUÇÃO

Esta Monografia é uma exigência para a conclusão do curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, que contribui de forma significativa na formação humana do acadêmico(a) possibilitando o aprofundamento de uma temática, que surgiu durante o curso. Dessa forma, a discussão está pautada na contemporaneidade do pensamento educacional na obra do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau, bem como a influência do seu pensamento na educação e no ideário pedagógico na atualidade.

A metodologia utilizada foi a da pesquisa bibliográfica, que tem como objetivo buscar materiais relevantes para o estudo que foi realizado, fazendo o levantamento de livros, artigos científicos, dissertações e teses, incluindo as principais obras de Jean-Jacques Rousseau: *Discurso sobre a origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* (1978), *Contrato Social* (1978) e *Emílio ou Da Educação* (2017); as quais tratam especificamente a respeito da problemática em questão: Compreender como a contemporaneidade do pensamento educacional de Jean-Jacques Rousseau contribui para a formação humana?. Durante a pesquisa, algumas obras de comentadores e estudiosos de Rousseau foram consultadas a fim de subsidiar o pensamento rousseauiano, proporcionando o avanço na discussão sobre o tema.

As questões levantadas por Rousseau em sua obra, exige um olhar atento para entender os caminhos trilhadas no passado para poder compreender o presente em suas diversas necessidades. Considerando o sistema atual em que estamos inseridos, é nítido que o capitalismo exerce uma grande influência na educação uma vez que vivemos numa sociedade individualista, consumista e tecnológica. Desse modo, a contemporaneidade do pensamento rousseauiano continua sendo atual e, coincidentemente, nos auxiliam a refletir e pensar na formação humana para o convívio em uma sociedade melhor.

O trabalho foi desenvolvido em dois capítulos. O primeiro capítulo abordará a trajetória do pensador moderno Jean-Jacques Rousseau, com ideias expressivas para a educação. É inegável, a influência do filósofo genebrino no campo pedagógico, especificamente, ao pensamento filosófico-educacional brasileiro. Sobretudo, por expor uma visão de educação situada numa efervescência de ideias, isto é, visando uma reestruturação social a ser promovida pelas suas ideias.

A princípio, *Emílio*, apresentado como um tratado sobre educação em que o autor relata a vida de seu aluno fictício em forma de romance. A obra é fundamental, uma vez que respeita a natureza da criança, proporcionando desenvolvimento espontâneo que permite a construção da autonomia além de desenvolver os princípios de liberdade e igualdade através da separação dos estágios da vida.

O segundo capítulo tratará do projeto político-educacional de Rousseau que consiste em recriar um homem ideal por meio da formação humana que engloba o desenvolvimento do homem integralmente. Desse modo, pretende-se compreender a formação humana que envolve a formação do homem e do cidadão por meio do projeto político-educacional que enxerga o homem em sua totalidade.

O trabalho buscou desempenhar a importância de suas reflexões na educação e no ideário pedagógico da atualidade, bem como a influência de sua teoria para a discussão na formação do homem e dos princípios que permeiam os processos formativos desde a infância. Com contribuições por parte dos estudiosos da educação na atualidade, tendo como os principais Paiva (2005), Maia e Bordin (2014) e Souza (2017) dentre outros.

Portanto, nosso trabalho propõe refletir sobre os diferentes problemas que envolve o processo formativo, assim como, a formação humana fundamentada nos princípios da natureza uma vez que o genebrino acredita numa educação que transforma o homem. Desse modo, Rousseau propõe uma educação que representa uma de suas mais importantes contribuições para se pensar nos processos formativos atuais.

CAPÍTULO I – A EDUCAÇÃO EM JEAN-JACQUES ROUSSEAU

O presente capítulo apresenta um breve estudo bibliográfico da vida e obra do pensador moderno Jean-Jacques Rousseau. Pretende-se ainda compreender as principais contribuições de Rousseau para a educação, bem como a influência de sua teoria na sociedade. Dessa forma, será possível reconhecer a importância da teoria educacional proposta por Jean-Jacques Rousseau.

As principais contribuições do filósofo genebrino foi a obra *Emílio ou Da Educação*, o livro apresenta as ideias sobre a formação do homem ideal, o homem e a natureza, organização política e, ao mesmo tempo, o olhar de Rousseau para com o indivíduo e seu lugar no mundo. Além disso, Rousseau fez uma separação dos estágios da vida, cuidando-se de compreendermos a relação de *Emílio* com o seu preceptor.

Jean-Jacques Rousseau nasceu em 28 de julho de 1712 em Genebra. Órfão de mãe foi criado pelo pai e, depois pelo seu tio, um pastor protestante. Ainda adolescente, deixou sua cidade natal e foi para a Savoia, dedicando-se aos estudos de leitura e música. Rousseau conheceu Thérèse le Vasseur, com quem teve cinco filhos, no entanto, decidiu deixá-los no orfanato (SAES, 2017). Uma ironia, em outras palavras, abandonou os filhos e depois elaborou um tratado de educação. Em 1750, Rousseau apresentou o *Discurso sobre as Ciências e as Artes* na Academia de Dijon o qual é premiado. O segundo escrito, o *Discurso sobre a origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* (1755), consolidou o filósofo como um pensador revolucionário.

Nos anos seguintes, publicou suas principais obras, *O Contrato Social* e *Emílio ou Da Educação* (1762). Esta última é seu tratado de educação o qual revolucionou a história da educação. O interesse de Rousseau pela educação surgiu por volta dos anos 1742, ao exercer, na condição de preceptor dos filhos de Jean Bonnot de Mably. Em *Emílio*, para TOMÉ *et al* (2012), Rousseau se coloca como o pai da pedagogia moderna ao atribuir a criança, ao ‘aprendiz’ papel de destaque no processo formativo, ao concebê-lo como co-autor de sua trajetória de conhecimento, contrapondo-se ao ensino tradicional e assim influenciando a construção da pedagogia moderna, com fortes influências no Brasil, sobretudo no movimento escolanovista do século XX que promoveu grandes transformações no pensamento educacional brasileiro e permanece até hoje.

Rousseau foi um dos maiores pensadores do século XVIII que influenciou reformas políticas e educacionais, se contrapunha a visão elitista da educação como um privilégio afirmando ser um direito de todos, do mesmo modo, criticava a educação jesuíta rígida e punitiva, mera transmissora de conhecimentos memorizados que tratavam as crianças como adultos em miniatura. Através da sua visão naturalista assentado nas lições da natureza o filósofo foi o descobridor da infância, o primeiro a entender a infância como uma forma particular de ser humano; diferente dos adultos. O filósofo também defendia as classes mais populares, bem como uma sociedade baseada na justiça, na igualdade e na autonomia do homem.

Rousseau propõe sua solução política por meio do *Contrato Social* e a solução pedagógica é apresentada em *Emílio ou Da Educação*. A maldade existente entre os homens está presente no *Discurso sobre a origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*. Nesse discurso o filósofo divide a evolução do homem em três estados são estes: homem natural, homem selvagem, homem civilizado.

O homem natural é um animal que se integra a natureza e a mesma é generosa para com o homem (instinto e sensação), que vive isoladamente por vontade própria, independente do semelhante, mas dependente da natureza, de onde retira tudo o que precisa e é guiado pelo instinto da conservação (preocupação consigo). O homem selvagem, que remete às sociedades indígenas já tem um interesse particular, marcas, vícios, conflitos a partir da consciência moral, de onde nasce a virtude. O homem civilizado tem seus interesses particulares fortalecidos e entram em conflito, pois sua consciência moral é abafada existindo a oposição de interesses. Assim, o homem tornou-se egocêntrico e individualista, tornou-se um homem natural no mau sentido. Esse foi o primeiro passo para a desigualdade. Foi preciso, para a própria ‘vantagem’ da sociedade até mesmo para os homens da natureza, surgir os primeiros deveres de civilidade.

A autonomia e liberdade são princípios da teoria de Rousseau, por acreditar na relação do homem com a natureza de forma harmoniosa se contrapunha as concepções positivistas da época e ao avanço da ciência que concebia a natureza como máquina e isso para Rousseau era um dos pontos de desequilíbrio da relação do homem com a sociedade, ocasionando os conflitos pessoais e coletivos. Por propor um novo projeto de sociedade, propõe também um projeto educativo voltado para a formação do homem integralmente e participativo socialmente que respeita a natureza e sua origem natural. Diante disso, é hora, de conhecermos as ideias de Rousseau sobre a Educação.

1.1. Rousseau e suas ideias sobre a Educação

Rousseau contribuiu para o pensamento educacional através de uma análise pedagógica adotada no romance *Emílio*, onde retirando esse ser da sociedade corrompida para educá-lo no campo, pretende recriar as condições vigentes no estado de natureza. Essa relação de *Emílio* com a sociedade ocorre pela mediação do educador; um educador que é um crítico dessa mesma sociedade e portador de um projeto para o futuro assentado em novas bases. Ele propõe uma educação que se inicia no momento do nascimento que não restringe somente às instituições formais até que atinja sua integralidade na idade adulta, isto é, no exercício da política sem exclusão de qualquer etapa da existência. Fixados os princípios políticos, da liberdade, da autonomia e da igualdade como condições impeditivas da dependência, a compreensão deles é diferenciada em cada uma das fases de vida, determinada, segundo o autor, pelas leis da natureza, de modo que a educação seja a prática que os efetiva.

Mas considerai primeiro que, desejando formar o homem da natureza, não se trata, com isso, de fazer dele um selvagem e de relegá-lo à profundidade das florestas; porém, preso no turbilhão social, basta que não se deixe arrastar nem pelas paixões nem pelas opiniões dos homens, que veja com seus olhos, que sinta com seu coração, que nenhuma autoridade o governe exceto a de sua própria razão (ROUSSEAU, 2017, p. 298).

Assim, o tratado de educação do filósofo consiste em uma ação política e pedagógica a fim de orientar na formação do homem ideal, pois “pouco importa que meu aluno se destine à espada, à igreja ou à advocacia. Antes da vocação dos pais, a natureza o chama para a vida humana” (ROUSSEAU, 2017, p. 46).

O filósofo genebrino expõe a importância de ensinar absolutamente sobre tudo e para todos, segundo o autor, o olhar para si e o equilíbrio da razão e paixões é fundamental para a formação do homem ideal uma vez que conhecendo a si mesmo jamais abandonara seu eu interior. Segundo Rousseau, o que importa é o desenvolvimento do homem em todas suas especificidades e necessidades.

Rousseau divide a obra *Emílio ou Da Educação* em cinco fases. No livro I, Rousseau apresenta a idade da natureza que é do nascimento aos 2 anos, segundo o autor, essa é a primeira fase da vida da criança. No livro II, Rousseau relata a segunda fase da idade da natureza de 2 aos 12 anos, o filósofo mostra a importância do desenvolvimento físico e da moral. Entre os 12 e 15 anos é a terceira fase em que a criança está próxima a sua adolescência, é hora, portanto, de instruí-lo aos estudos sobre as questões sociais. No livro IV,

é a fase que o filósofo chama de segundo nascimento, que vai dos 15 aos 20 anos. É a fase de preparação para a entrada na vida social e política. O livro V, refere-se à fase do casamento de *Emílio e Sofia*, que vai dos 20 aos 25 anos, a idade da sabedoria. É importante pontuar que abordarei somente as quatro fases proposto por Rousseau nos livros I, II, III e IV do *Emílio*.

A primeira fase da vida, Rousseau propõe que seja experimentada a sensação de liberdade como uso das roupas folgadas, que não dificultem os movimentos, livrando o corpo de empecilhos externos de modo que progressivamente possa adquirir o sentimento de sua existência. A um recém-nascido, ser autônomo, o preceptor e a ama devem suprir apenas as necessidades naturais da criança. A liberdade e a autonomia nessa idade serão vivenciadas com o atendimento das necessidades naturais e, principalmente, com o impedimento da criação de desejos supérfluos.

Para Rousseau (2017) a linguagem infantil é o choro, cumpre, portanto, entender seu significado a fim de que a criança possa sentir-se livre, movimentando-se de acordo com sua capacidade física e subordinando possíveis desejos as próprias forças e, principalmente, não estabelecendo dependências desnecessárias, pois:

Desses choros, que se teria por tão pouco dignos de atenção, nasce a primeira relação do homem com tudo que o cerca: aqui se forja o primeiro anel dessa longa corrente de que a ordem social é formada (ROUSSEAU, 2017, p. 75).

A primeira fase da vida, em que há uma dependência natural, pode degenerar em dependência convencional, dissimulando, inclusive, sua origem. Trata-se de fortalecer o indivíduo atendendo-lhe as necessidades naturais, sem criar dependência convencional. Dado que toda corrupção da sociedade consiste justamente na existência de alguns que mandam e outros obedecem, e que está obediência e convencional, conforme analisado no *Contrato Social* (ROUSSEAU, 1978), trata-se de evitar que a corrupção se inicie na primeira fase da vida, camuflada de necessidade.

Segundo Rousseau (2017), o vocabulário usado com a criança deve ser concentrado em que as palavras correspondam às ideias, pois os adultos usam as palavras para se expressar e costumam utilizá-las com as crianças, mas elas não têm ainda essa forma de expressão. Portanto, a primeira fase da vida é uma dependência, já que o recém-nascido não pode suprir suas necessidades, e essa dependência não pode ser transformada em dependência social ou moral, e por meio disso que devemos ter conhecimento das leis naturais que atuam no indivíduo, investindo na autonomia, na capacidade de usar as forças que dispõe e suprir as que faltam.

A segunda fase da vida é caracterizada pelo falar e por ampliar as forças físicas da criança, segundo o autor, “quando as crianças começam a falar, choram menos. Esse progresso é natural; uma linguagem substitui a outra” (ROUSSEAU, 2017, p. 87). Com isso é preciso colocar em uma condição de igualdade, de poder, de vontade, de modo para equilibrar os desejos para ter uma capacidade de realizá-los. Essa fase tem a dedicação de desenvolvimento do corpo e do espírito evitando o surgimento de determinados desejos.

Rousseau sugere isolar a criança da sociedade e isso implicará no fortalecimento do indivíduo e irá preservá-lo até que a razão possa nascer nele e o amor próprio permaneça. O objetivo é que mesmo que a criança não tendo plena consciência do que seja as relações sociais, ainda assim, que ela seja preparada para a vida futura, sendo ensinada a não se corromper submetendo se aos homens por suas necessidades. Haja vista que o indivíduo deve desfrutar da liberdade pautada nos seus interesses presentes e sensíveis.

No livro III do *Emílio ou Da Educação*, Rousseau descreve o terceiro estado da infância, no qual o indivíduo se aproxima da adolescência sem ser ainda a puberdade. É o momento da vida em que a criança tem mais forças do que precisa e pode mais do que deseja, o que demanda intervenções no sentido de equilibrar essas condições.

Aos 12 ou 13 anos, as forças da criança se desenvolvem muito mais depressa que suas necessidades. A mais violenta, a mais terrível ainda não se fez sentir nela; mesmo seu órgão permanece na imperfeição e parece aguardar que sua vontade o force a fazê-lo (ROUSSEAU, 2017, p. 193).

É hora, portanto, de empregar adequadamente a curiosidade infantil, que consiste num jogo de forças entre o desejo inato de bem-estar e a impossibilidade de contentá-lo plenamente. A utilidade é o valor estreitamente vinculado à passagem do amor de si mesmo ao amor do outro, é nesse período que as sensações já existentes devem ser transformadas em ideias. E é nessa etapa do desenvolvimento que o fortalecimento da autonomia e a preservação contra os vícios da sociedade são reafirmados evitando comparações que despertem o ciúme e a inveja das crianças.

[...] nenhuma comparação com outras crianças, nenhum rival, nenhum concorrente na mesma corrida, logo que começar a raciocinar: prefiro 100 vezes que não aprenda o que aprenderia apenas por inveja ou por vaidade (ROUSSEAU, 2017, p. 216).

Para despertar a capacidade de invenção infantil, Rousseau (2017) abre exceção para a leitura de Robinson Crusóé, a fim de que perceba a possibilidade de encontrar novas soluções para a sobrevivência e conservação, afastando-a de relações sociais que ainda não estão ao alcance de sua compreensão, e ressalva:

Quando o encadeamento dos conhecimentos vos forçar a mostrar-lhe a dependência mútua dos homens, em vez de mostrar-lha pelo aspecto moral, dirigi primeiramente toda sua atenção para a indústria e as artes mecânicas, que as tornam úteis umas às outras (ROUSSEAU, 2017, p. 218).

Chega-se ao período em que é preciso escolher uma profissão para a criança, aspecto importante da formação, porque é por meio do trabalho que serão estabelecidos futuramente relações sociais e troca com seres humanos. De todas as ocupações que podem propiciar a subsistência ao homem, a que mais se aproxima do estado natural é o trabalho das mãos; de todas as condições, a mais independente da sorte dos homens é a do artesão.

Segundo Rousseau (2017) o processo educativo desenvolveu-se das sensações para as ideias, dos sentimentos para o julgamento. As ideias simples não passam de sensações comparadas. Há julgamentos nas sensações simples, tanto quanto nas complexas, a que ideias simples. Na sensação, o julgamento é puramente passivo, afirma que se sente o que se sente. Na percepção a ideia, o julgamento é ativo; aproxima, compara, determina relações que o sentido não determina. Eis toda a diferença, mais ela é grande. Nunca a natureza nos engana; sempre somos nós que nos enganamos. Até essa etapa o preceptor tratou de criar situações para que a criança aprenda tudo aquilo que se relaciona com ela mesma, desenvolvendo lhe a autonomia e a capacidade de contar consigo mesma e, principalmente, evitando a criação de dependências desnecessárias, vivendo contente, feliz e livre, tanto quanto a natureza o permitiu.

No livro IV do *Emílio*, é chegada a hora de aprender tudo sobre os homens e a vida em sociedade. Conhecida como fase do segundo nascimento, aprender a julgar as coisas humanas aliando a razão e a moral, desenvolver a capacidade de se colocar no lugar do outro. É chegado o momento dos livros e do estudo da história. É o tempo de preparação para a entrada na vida em sociedade, o tempo de treinar a reflexão. É nesse livro que ganha destaque a figura do preceptor, com a explicitação dos pressupostos adotados em sua concepção educacional, de modo a demonstrar a importância dos elementos formativos que podem gerar práticas conscientes.

Existe, no estado de natureza, uma igualdade de fato real e indestrutível, pois é impossível, nesse estado, que a diferença de homem a homem seja grande o bastante para, sozinha, tornar um dependente do outro. Existe, no estado civil, uma igualdade de direito quimérica e vã, pois os próprios meios destinados a mantê-la servem para destruí-la; e a força pública, unida ao mais forte para oprimir o mais fraco, rompe a espécie de equilíbrio que a natureza havia colocado entre eles (ROUSSEAU, 2017, p. 276).

Rousseau propõe rever a contradição existente entre o homem e o cidadão, pois, segundo ele, não é possível a existência de um homem e um cidadão, pois nestas duas pessoas, existem contrapontos, sendo tipos opostos e excludentes. No plano filosófico geral de Rousseau, a contradição homem e cidadão se dá através da contradição existente entre o homem e a sociedade. Para Rousseau, o homem nasce bom e a sociedade o corrompe, ou seja, o homem através da história torna-se mau, com o objetivo de lesar o outro. O homem primitivo era bom porque era natural.

Para Paiva (2005) as questões colocadas por Rousseau em *Emílio* não é uma mera ficção, pois contribuíram para a valorização do homem em suas especificidades psicológicas no âmbito da educação moderna e servem de base para as indagações da atualidade, tanto na educação como na política.

CAPÍTULO II – A FORMAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO EM ROUSSEAU

O objetivo que permeia o projeto político-educacional de Rousseau é de recriar o homem natural dentro da sociedade. Sendo a educação o instrumento mais propício para a recriação do homem, além disso, e por meio dela que poderemos alcançar mudanças na sociedade.

Ao longo da história, a formação humana do homem tem influenciado nas discussões e direcionamentos das práticas político-sociais em todos os seus âmbitos. A escola é uma instituição que tem um papel fundamental no desenvolvimento de um cidadão crítico, participativo, criativo e responsável, dedicando-se ao processo de ensino e aprendizagem entre professores e alunos. Além de transmitir informações e conhecimentos, a escola deve ser um lugar que promove a cidadania, um espaço de convivência.

De acordo com Enguita (1989), ao longo do tempo, a sociedade se dividiu em classes, o que transformou as relações sociais estabelecidas entre elas, estas relações se efetivam de forma implícita por meio das diversas instituições sociais, sendo a escola uma delas. Esta divisão desenvolveu e fez da educação escolar o principal instrumento de formação e, atualmente, está contribuindo para a sobrevivência e a perpetuação do sistema de produção, exploração e expropriação capitalista. Entretanto, percebemos o sentido da escola em diferentes contextos sociais e culturais não se tratando, pois de um processo evolutivo de concessões, mas de um produto provisório de relações de poder, conflito, disputas de interesses e, principalmente, das necessidades de uma lógica de produção.

Enguita (1989) afirma ainda que a escola colabora para o fortalecimento do sistema capitalista de produção, preparando pessoas para os meios de produção e, ao mesmo tempo, contribui para a harmonia entre as autoridades escolares e com os interesses das empresas.

Na visão do filósofo genebrino, o início da corrupção do homem acontece no início do seu processo de socialização. Por isso, Koga (2018) afirma que a corrupção do homem está ligada à sua formação moral em seu ingresso na sociedade. Nesse sentido, Rousseau propõe em seu segundo escrito, o *Discurso sobre a origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* (1978) o exercício de olhar para si, para o homem e suas instituições, compreendendo o movimento do passado e futuro relacionando-o com a passagem do homem

natural ao homem civil. O filósofo direciona sua concepção de educação, para o reequilíbrio do homem e da sociedade, pois preocupava-se com os problemas sociais, com a forma de ser e estar dos homens no mundo e na natureza.

A passagem do estado de natureza para o estado civil determina no homem uma mudança muito notável, substituindo na sua conduta o instinto pela justiça e dando às suas ações a moralidade que antes lhes faltava. É só então que, tomando a voz do dever o lugar do impulso físico, e o direito o lugar do apetite, o homem, até aí levando em consideração apenas sua pessoa, vê-se forçado a agir baseando-se em outros princípios e a consultar a razão antes de ouvir suas inclinações. Embora nesse estado se prive de muitas vantagens que frui da natureza, ganha outras de igual monta: suas faculdades exercem e se desenvolvem, suas ideias se alargam, seus sentimentos se enobrecem, toda a sua alma se eleva a tal ponto, que, se os abusos dessa nova condição não o degradassem frequentemente a uma condição inferior àquela donde saiu, deveria sem cessar bendizer o instante feliz que dela o arrancou para sempre e fez, de um animal estúpido e limitado, um ser inteligente e um homem (ROUSSEAU, 1978, p. 36).

De acordo com Paiva (2007) Rousseau defende a formação de um homem diferente, capaz de reconstruir a sociedade por meio de um contrato social no qual o povo seja soberano, em outras palavras, os homens deveriam fazer um contrato legítimo concordando de submeter à vontade geral.

Encontrar uma forma de associação que defenda e proteja a pessoa e os bens de cada associado com toda a força comum, e pela qual cada um, unindo-se a todos, só obedece contudo a si mesmo, permanecendo assim tão livre quanto antes (ROUSSEAU, 1978, p. 32).

Para Souza (2017) o contrato tem como objetivo a união de todos, cada um obedece a si mesmo, sem renunciar, a sua liberdade. Logo, é importante destacar que o número de cidadãos era pequeno, uma vez que a maior parte da população era escrava ou não tinha direito ao voto. Assim, Rousseau reconhece a impossibilidade da democracia direta, para ele, os cidadãos devem eleger delegados e não representantes, pois o governo democrático é o governo da maioria.

[...] essa foi ou deve ter sido a origem da sociedade e das leis que deram novos entraves ao fraco e novas forças ao rico, destruíram sem retorno a liberdade natural, fixaram para sempre a lei da propriedade e da desigualdade, de uma astuta usurpação fizeram um direito irrevogável e, para proveito de alguns ambiciosos, sujeitaram para o futuro todo o gênero humano ao trabalho, à servidão e à miséria (ROUSSEAU, 1978, p. 69).

Segundo as autoras Vieira e Mendes (2009), na perspectiva rousseauiana, essa sociedade pode significar o início de uma sociedade política diferente do estado de natureza, representada na forma corrupta do domínio dos fortes sobre os fracos, dos ricos sobre os pobres, dos espertos sobre os ingênuos, numa forma de sociedade política no qual o homem

deve sair para instituir a república fundada sobre o contrato social. O homem deve sair do estado de natureza.

De acordo com o autor do *Discurso sobre a origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, a propriedade privada destrói a liberdade social, promovendo a corrupção da sociedade e a desigualdade entre os homens. O filósofo genebrino acredita que a propriedade privada incentiva o individualismo, corrompendo os instintos mais egoístas do homem. Morello (2009) acredita que isso acontece por causa do sentimento de amor de si mesmo e amor próprio.

A fonte de nossas paixões, a origem e o princípio de todas as demais, a única que nasce com o homem e jamais o deixa enquanto este viver é o amor de si; paixão primitiva, inata, anterior a qualquer outra e da qual todas as demais constituem, em certo sentido, apenas modificações. Nesse sentido, todas são, de algum modo, naturais. Mas a maioria dessas modificações tem causas estranhas sem as quais jamais ocorreria, e essas mesmas modificações, longe de nos serem vantajosas, no são nocivas; alteram o primeiro objeto e vão contra seu princípio; é então que o homem se encontra fora da natureza e se põe em contradição consigo mesmo (ROUSSEAU, 2017, p. 249).

O primeiro nasce com o ser humano e o acompanha durante toda a vida, conduzindo-o para o bem. O segundo surge com o seu ingresso na sociedade, dando origem as comparações que leva o homem a se corromper. E aqui que retrata a educação do homem como contraponto à natureza impulsionando o avanço da corrupção da sociedade.

Para Rousseau (1978), formar cidadãos deve ser a primeira preocupação do governo uma vez que não se forma um cidadão em apenas um dia, é preciso então instruir desde a infância. Desse modo, percebemos o motivo do genebrino não admitir a educação contemporânea instruída nas escolas, assim como nós o filósofo enxergava a educação praticada como corrupta. Para Paiva (2007) é necessária uma ação pedagógica que busque o aperfeiçoamento e desenvolvimento do homem integralmente que supere o conflito entre o homem natural e o homem civil.

Paiva (2005) afirma que não se forma primeiro o homem e depois o cidadão ou vice-versa, mas ambos são formados por um projeto político-educacional que enxerga o homem em sua totalidade. Ou seja, consiste na junção entre a ordem natural e a ordem civil.

Na ordem social, onde todos os lugares estão marcados, cada um deve ser educado para o seu. Se, formado para seu lugar, um particular o abandona, ele não servirá mais para nada. A educação somente é útil enquanto a fortuna se concilia com a vocação dos pais; em qualquer outro caso, ela é nociva ao aluno, mesmo que apenas em razão dos preconceitos que ela lhe deu. [...] na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é a

condição de homem, e quem quer que seja bem educado para esta não pode cumprir mal aquelas que lhe estão vinculadas (ROUSSEAU, 2017, p. 46).

Ao pensar a educação, Rousseau expõe a desigualdade presente em toda realidade, bem como a necessidade de reconstruir o espaço político, possivelmente o mais deteriorado. Para o filósofo as mudanças na política precisam ser acompanhadas de reformas educacionais, sendo fundamental compreender a teia de relações existente entre todas as coisas, inclusive na prática e na ação da escola, de modo que o ensino não promova a fragmentação dos saberes.

2.1. As contribuições de Rousseau para atualidade

Embora *Emílio* ser de outra época, suas reflexões continuam influenciando na educação e no ideário pedagógico. De acordo com Gadotti (2003) a importância da obra de Rousseau para a formação humana consiste no fato do *Emílio* ser considerado o divisor entre a velha e a nova escola. Os pensamentos do genebrino influenciaram outros teóricos da educação como Heinrich Pestalozzi, Célestin Freinet, Maria Montessori, Ovide Decroly, Edouard Claparède e Piaget.

Rousseau é apontado pela estudiosa Souza (2017) como o pioneiro em ter um olhar para a infância. O filósofo concebeu a infância como uma fase específica do desenvolvimento do ser humano. Para ele, a criança tem suas maneiras de ver, de pensar e de sentir, diferentes dos adultos. Afirmava que era um grande erro empregar a razão para instruir as crianças.

Nascemos fracos, necessitamos de forças; nascemos desprovidos de tudo, necessitamos de assistência; nascemos estúpidos, necessitamos de juízo. Tudo que não temos ao nascer e de que necessitamos quando adultos nos é dado pela educação (ROUSSEAU, 2017, p. 42).

A educação para Rousseau não se restringe a instituições formais, mas de uma ação que engloba o desenvolvimento do homem integralmente. O sentido da educação integral e da formação humana se baseia em uma educação que transforma, segundo o autor, a educação deve ser favorável ao desenvolvimento integral do homem; precisa ser luz e dar a autonomia; a educação transforma a individualidade para o coletivo e o homem se preocupa com o outro.

Em *Emílio*, Rousseau aponta que a educação formadora é fruto da natureza, dos homens e das coisas. A educação da natureza é o desenvolvimento interno das faculdades e dos órgãos humanos. A educação dos homens é o uso consciente, que é ensinado aos humanos, da apropriação desse desenvolvimento e de fazerem dele o seu bem maior. A educação das coisas é a aquisição da própria experiência dos humanos em relação aos objetos

que os afetam. Segundo Rousseau (2017) dessas três educações diferentes, a da natureza não depende de nós; a das coisas apenas em alguns aspectos; a dos homens é a única de que somos realmente senhores.

Segundo Maia e Bordin (2014) o pensamento de Rousseau transformou a história da educação por causa dos estágios da infância que envolve o desenvolvimento físico e intelectual do sujeito em suas diferentes fases. Com isso, há uma necessidade de compreender que cada indivíduo é singular e tem um ritmo diferente do outro, o professor não deve ignorar as especificidades dos seus alunos. O professor precisa ensinar de acordo com a realidade vivida por cada sujeito, por meio de práticas pedagógicas significativas. O autor genebrino acredita ainda que o educador deve tornar seu aluno um protagonista capaz de transformar a sociedade. Para ele, o aluno deverá conhecer o homem e suas relações sociais diferenciando o homem natural, do homem civil.

No capítulo intitulado “Conclusão: Emílio no século XXI, Paiva (2005) afirma que:

[...] uma das principais finalidades da educação é a formação para a convivência, para o exercício do diálogo, da compreensão, do respeito e do auxílio mútuo, da tolerância e da diversidade. E o *Emílio* trata de todas essas questões colocando-as num patamar de capacitação cidadã, de realização humana por via de um convívio espontâneo, natural e dinâmico (PAIVA, 2005, p. 203).

Em síntese, Rousseau nos propõe a pensar o aluno como sujeito de direitos, assumindo a importância dos estágios da infância para a formação humana uma vez que respeita a natureza da criança, proporcionando desenvolvimento espontâneo que permite a construção da autonomia. De acordo com Medina (2011) o professor não é o centro do conhecimento, mas o próprio aluno. E isso não nega a importância do professor, pois a aprendizagem deve acontecer pelo próprio interesse do aluno que propicia a interação com o professor possibilitando a construção do conhecimento. Diante disso, Rousseau estabelece um pêndulo entre o aluno real e o aluno ideal, colocando-se como mestre imperfeito, ou seja, o mestre para ele não é imune de falhas uma vez que está na relação entre homem e natureza.

Educar sujeitos é efetivar práticas pedagógicas que irão constituir sujeitos e identidades. De acordo com Libâneo (2009) a educação se encontra em um processo de constantes mudanças que ocorre através da globalização e é por meio dela que surge os múltiplos sujeitos, bem como as diversas culturas e relações. Para ele, as mudanças acontecem a partir das decisões tomadas em sala de aula pelos professores com vistas para a construção de uma educação que proporciona mudanças no processo de ensino e aprendizagem e no desenvolvimento dos sujeitos. Assim, os “sujeitos e identidades se

constituem enquanto portadores das dimensões física, cognitiva, afetiva, social, ética” (LIBÂNEO, 2009, p. 65) por meio de práticas significativas visando formar sujeitos para as necessidades sociais.

Segundo Saviani (2007), a educação enfrenta grandes problemas tais como a ausência de um sistema de educação e a descontinuidade das políticas educacionais. O primeiro impasse diz respeito da importância de regulamentar o sistema de educação que cria os mecanismos necessários para implementar parâmetros nacionais, a partir do padrão de qualidade da educação brasileira. A continuidade das políticas públicas é fundamental na valorização dos profissionais da educação, para garantir escolas dignas para o processo de ensino e aprendizagem, com infraestrutura adequada, equipamentos e materiais didáticos necessários para a construção do conhecimento, ou seja, mudanças na educação e na garantia deste direito fundamental. Para enfrentar tais problemas, é necessário lutar por uma educação de qualidade, que ofereça aos povos uma formação que lhes permita o acesso ao saber elaborado. Por isso, Rousseau defende a formação humana baseada em uma educação que transforma, pois as relações sociais são interlaçadas a educação.

Entre os estudiosos de Rousseau, Paiva (2007) afirma que não superamos os problemas apontados por Rousseau. Para ele, *Emílio ou Da Educação* continua sendo uma obra atual uma vez que nos auxiliaram a compreender a finalidade da ação educacional, provocando a discussão sobre a formação humana e que tipo de homem se propõe formar, com vistas para a construção de uma educação transformadora, libertadora e crítica. Cabe entendermos o pensamento educacional de Rousseau para recriar o homem para uma sociedade melhor. Para tanto, a intencionalidade com que o professor realiza sua ação pedagógica poderá contribuir para que a escola promova mais que a reprodução dos paradigmas sociais, mas a (re)construção de conhecimentos que permitam condições da autonomia e a transformação do aluno no processo de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, é inegável o pensamento revolucionário de Jean-Jacques Rousseau, um filósofo que transformou a história da educação. Esse fenômeno ao qual Rousseau deu o nome de *Emílio ou Da Educação*, considerado como uma utopia buscou mudar o processo formativo do aluno e das instituições formais. Sendo assim, a leitura de *Emílio* nos permite entender o nosso papel como professores e nossa função como mensageiros da transformação por meio da educação, pois as reflexões do genebrino inauguraram uma nova visão da infância, permitindo pensar numa outra realidade nos ambientes educativos como um todo.

Ao pensar na formação humana refletimos sobre a educação e a necessidade de construir um novo olhar para a formação do homem na atualidade, assim como, Rousseau teve um novo olhar para com as crianças do mundo, enxergando-as como protagonista na construção de seu próprio conhecimento. Faz-se necessário que cada indivíduo tenha uma formação humana ideal, conforme *Emílio*, sendo estimulado desde a infância e, ao mesmo tempo, se sentir livre para aprender o que tem ao seu redor e conhecendo a si mesmo. Nesse sentido, percebemos a importância dos estágios da infância na formação do homem ideal, de acordo com Rousseau, essas etapas são fundamentais para a formação integral do homem, por preparar o homem para o ingresso na sociedade e na participação das relações sociais. De acordo com Paiva (2007) sem esse preparo não existe a possibilidade da passagem do homem natural ao homem civil.

A contradição do homem e do cidadão em *Emílio* está presente num plano de princípios. Seu livro não se trata de uma proposta de educação, mas sim de uma filosofia da educação com conceitos e ideias de modo abstrato do homem em geral. *Emílio* é um personagem fictício para ilustrar os princípios de Rousseau em seu ensaio pedagógico sob forma de romance. Como já foi relatado no início deste trabalho, a preocupação de Rousseau centra-se no objetivo de optar entre formar o homem ou o cidadão, na impossibilidade de haver os dois ao mesmo tempo já que são contraditórios e também são dois tipos puros, conceituais existentes no plano de princípios.

Nessa perspectiva, Paiva (2007) afirma que o pensamento educacional de Rousseau e sobre: o homem nasce bom, é corrompido pelas condições sociais, mas pode ser salvo por uma ação político-pedagógica que desenvolva nele as virtudes necessárias “no sentido de se redimensionar as potencialidades naturais do homem de maneira que a natureza humana não

seja degenerada, ignorada ou até mesmo coisificada” (PAIVA, 2007, p. 323). E que permite o convívio com seu o seu semelhante sem corromper sua alma.

Ainda que em nosso século seja mais complexo do que o de Rousseau, sua abordagem continua atual e rica porque oferece elementos para repensarmos os processos de formação não como atos formais e mecânicos, mas educar para construir sentidos para a própria existência humana (PAIVA, 2007). O presente estudo buscou não apenas compreender as concepções de Rousseau, mas, sobretudo, para trazermos algumas contribuições a todos aqueles que têm a intenção de aprimorar e compreender sua filosofia na formação do homem a começar pelos processos formativos desde a infância.

REFERÊNCIAS

- ENGUIITA, Mariano Fernandes. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo.** Porto Alegre. Artes Médicas, 1989.
- GADOTTI, Moacir. **História das ideias Pedagógicas.** 8. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2003.
- KOGA, Ana Lúcia. **O conceito de perfectibilidade na Pedagogia de Jean-Jacques Rousseau.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2018.
- LIBÂNEO, J. C. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação. In: LIBÂNEO, J. C.; SANTOS, A. (Orgs.). **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade.** 2 ed. Campinas: Alínea, 2009. p. 64-75.
- MAIA, Sandra Conceição Gonçalves; BORDIN, Reginaldo Aliçandro. **Educação e conhecimento: Rousseau e a formação do Emílio.** 2014. VII Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica. UNICESUMAR. Maringá.
- MEDINA, Giovanna Beatriz Kalva. **Jean-Jacques Rousseau: uma reflexão sobre a educação infantil.** 2011. X Congresso Nacional de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba.
- MORELLO, Eduardo. **Educação moral no livro IV do Emílio ou Da Educação de Jean-Jacques Rousseau.** 2009. Anais do IV Colóquio Rousseau. UPF. Londrina.
- PAIVA, Wilson Alves de. A formação do cidadão na obra de Jean-Jacques Rousseau. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 17, n. ½, p. 77-92, jan/fev. 2007.
- PAIVA, Wilson Alves de. A formação do homem no Emílio de Rousseau. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 323-333, maio/ago. 2007.
- PAIVA, Wilson Alves de. Homem e cidadão na obra pedagógica de Rousseau. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 31, p. 163-184, jul/dez. 2008.
- PAIVA, Wilson Alves de. **O Emílio e a formação do cidadão do mundo moderno.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2005.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** Tradução de Lourdes Santos Machado. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores)
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação.** 1. ed. São Paulo: Ed. Edipro, 2017.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social.** Tradução de Lourdes Santos Machado. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores)

SAVIANI, Dermeval. Os desafios da educação pública na sociedade de classes. In: ORSO, Paulino José. (Org.). **Educação, sociedade de classes e reformas universitárias**. 1 ed. Campinas: Autores Associados, 2007, v. 1, p.9-26.

SOUZA, Rosiris Pereira de. Rousseau e a educação da infância. **Revista Latino-Americana de História**, vol. 6, n. 18, ago/dez. 2017.

TOMÉ, Dyeinne Cristina; QUADROS, Raquel dos Santos; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Algumas considerações sobre a concepção de educação em Rousseau**. 2012. Seminário de Pesquisa do PPE. Universidade Federal de Maringá.

VIEIRA, Rejane Esther; MENDES, Betina Souza. Democracia segundo Rousseau: uma análise histórica sobre as principais ideias de Rousseau na obra 'O Contrato Social' e sua contribuição para democracia na contemporaneidade. **Revista Direitos Fundamentais & Democracia**, Santa Catarina, 2009, v. 5, p. 1-9.